

Dom Jerónimo Osório e a implantação da Companhia de Jesus em Portugal

MARGARIDA MIRANDA

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
mmiranda@fl.uc.pt

Resumo: A História da Companhia de Jesus na Assistência a Portugal, de Francisco Rodrigues S. J., refere abundantemente a figura de Dom Jerónimo Osório, mas não lhe atribui qualquer papel na vinda dos primeiros jesuítas para Portugal.

À luz dos resultados mais recentes da investigação sobre Dom Jerónimo Osório, é possível rever aquela posição e estabelecer dados mais objectivos quer sobre a formação do humanista (que chega a Paris em 1534 e ali obtém o grau de Mestre antes de 1538), quer sobre a sua efectiva responsabilidade nas negociações diplomáticas das quais resultou a permissão do Papa Paulo III para a vinda dos Jesuítas. Uma carta do Mestre Jerónimo Osório a Diogo de Gouveia, Principal de Santa Bárbara, está na origem, ainda que indirecta, das diligências que levaram São Francisco Xavier à Índia e que, ao mesmo tempo, criaram as condições para que Dom João III se tornasse o primeiro monarca a erigir um Colégio da Companhia (1541-1542).

Palavras-chave: Jesuítas; Colégio de Jesus de Coimbra; Francisco Xavier; Simão Rodrigues; Dom João III; Diogo de Gouveia.

Abstract: The name of Jerónimo Osório is recurrent in the *História da Companhia de Jesus na Assistência a Portugal* [History of the Society of Jesus in the Assistance of Portugal] (1931), by the Jesuit Francisco Rodrigues. Strikingly enough, no role is ascribed there to the Portuguese bishop of Silves and famous XVI century Humanist with respect to the coming of the first Jesuits to Portugal.

Drawing upon the most recent research on Dom Jerónimo Osório we can now reassess the evidence concerning not only his education as a humanist (arrived in Paris in 1534 and obtained his *Maître ès Arts* degree before 1538) but also his actual role in the diplomatic negotiations which culminated in Pope Paul III's permission for the mission of the Jesuits in the Portuguese kingdom. A letter by Osório to Diogo de Gouveia, the Principal of Santa Barbara College in Paris, lies at the root, albeit indirectly, of the earliest steps that would culminate both in the sending of Francis

Xavier to the mission in India and Japan. At the same time, that letter created the conditions so that John III would become the first monarch ever to establish a Jesuit College in the world (1541-1542).

Keywords: Jesuits, Coimbra College of Jesus, Francis Xavier, Simão Rodrigues, King John III of Portugal, Diogo de Gouveia, Jerónimo Osório, Humanism.

0. Vos encomendo muito que trabalheis por saberdes que homens estes são e onde estão e fazeis que eles queiram vir a mim.

É conhecido o favor que a Companhia de Jesus recebeu de Portugal desde os primeiros dias da sua existência, bem como o papel determinante que Dom João III exerceu junto de Inácio de Loyola e dos co-fundadores daquela Ordem, sobretudo Simão Rodrigues e Francisco Xavier¹. Este estudo mais não faz do que acrescentar uma brevíssima nota quer à 'História da Companhia de Jesus' nos seus primeiros anos, sobretudo à história da sua actividade missionária e escolar, quer à 'obra' deixada pelo humanista Jerónimo Osório sobre as mais diversas facetas da vida cultural.

Partamos, para isso, da carta que Dom João III escreveu em 1539 ao seu Embaixador em Roma, Dom Pedro de Mascarenhas. Trata-se, do meu ponto de vista, de um documento importantíssimo para a História dos Jesuítas, pois corresponde a um momento fundacional e com repercussões de grande alcance nos destinos da Companhia de Jesus em Portugal e em todo o mundo. É o momento em que o Monarca tem conhecimento da existência de um grupo de homens cujo propósito era "acrescentar e aproveitar à Fé", e logo toma todas as providências para indagar da sua vida, letras e costumes, com vista a trazê-los ao reino e enviá-los depois aos novos territórios além-mar.

Vos encomendo muito que tanto que esta carta receberdes, trabalheis por saberdes que homens estes são e onde estão, e de sua vida e costumes e letras e propósito; e sendo estes, lhes faleis, se estiverem aí, e, sendo ausentes, lhes escrevais e fazeis que eles queiram vir a mim, porque certo, se seu propósito é esse de acrescentar e aproveitar à Fé (...) não pode haver parte onde lhes estê mais aparelhado poderem-no fazer e cumprir seus desejos que em minhas conquistas...²

Com esta decisão, Portugal contribuía decisivamente para o crescimento e primeira expansão da Companhia. Na sua *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Francisco Rodrigues S. J. dedica um capítulo inteiro aos primeiros portugueses que ajudaram Inácio de Loyola na fundação e implantação da Companhia de Jesus (Rodrigues 1931: 197-216). Em Alcalá de Henares, o P. Manuel Miona procurava afincadamente companheiros para seguirem o primeiro grupo, entre os quais Jerónimo Nadal, antes de ele próprio ingressar na vida religiosa; e Dona

1 Devo este estudo ao saber desinteressado do Doutor Sebastião Tavares de Pinho, que me colocou a par do estado da questão e me pôs nas mãos as fontes necessárias para a elaboração destas linhas. Trata-se portanto de um ensaio escrito a duas mãos: eu limitei-me a articular fragmentos que ele me deu a conhecer. Já quanto às imprecisões ou à fragilidade das conclusões, elas são inteiramente da minha responsabilidade.

2 4 de Agosto de 1539, Dom João III a Dom Pedro de Mascarenhas. Rodrigues 1931: 223-224.

Leonor Mascarenhas, dama da corte da Rainha Isabel e mais tarde aia de Filipe II, tinha profunda amizade pelo fundador e era uma das suas maiores benfeitoras; em Roma³, Bartolomeu Ferrão foi um dos primeiros a pronunciar votos religiosos (1539) e Dom Pedro de Mascarenhas, embaixador de Dom João III junto da Santa Sé desde 1538, a quem a carta é dirigida, elegera Inácio de Loyola como seu confessor. Em Paris, onde continuou os estudos de Alcalá, Inácio de Loyola travou ainda conhecimento com Dom António Pinheiro, o qual havia de granjear, junto da corte, o favor dos reis portugueses à Companhia, principalmente no que toca ao ensino. Outro companheiro foi D. Manuel dos Santos, cônego regente de Santo Agostinho, graduado em Artes, a quem os jesuítas em Portugal, na década de cinquenta, louvavam como benfeitor, e a quem devem a execução das bulas que erigiram a Universidade de Évora. Simão Rodrigues foi o terceiro estudante que se agregou a Inácio de Loyola no Colégio de Santa Bárbara, depois de Pedro Fabro e Francisco Xavier, e seria não só o primeiro jesuíta a chegar a Portugal, como também o infatigável fundador da província portuguesa. Mas a maior responsabilidade na sequência de decisões que trouxeram a Companhia para Portugal coube a Diogo de Gouveia, o célebre Principal do Colégio de Santa Bárbara, onde Inácio de Loyola estudou e reuniu os primeiros companheiros. Se Diogo de Gouveia, que se prezava do ofício de mandar homens letrados para o reino, é justamente considerado o benemérito do renascimento literário de Portugal, a ele coube também a responsabilidade de exortar Dom João III a chamar ao reino os primeiros jesuítas.

1. *Mestre Hierónimo do Soiro, amigo dos padres de Paris*

No entanto, a decisão do monarca teve como causa mais remota a influência de um outro humanista por detrás de Diogo de Gouveia: Jerónimo Osório. A ele se refere igualmente o historiador da Companhia, Francisco Rodrigues, sem lhe atribuir no entanto qualquer papel na vinda dos primeiros jesuítas para Portugal. Pelo contrário, declara que o humanista “não foi parte para a Companhia ser admitida no reino” e alega provar que ele “não influiu no ânimo de Dom João III para o chamamento dos Padres a Portugal”⁴.

A verdade é que a leitura das fontes, nomeadamente a biografia escrita pelo sobrinho e publicada em Roma em 1592⁵, bem como a correspondência de Diogo de Gouveia e Dom João III, não permite confirmar aquela tese. Pelo contrário, a biografia testemunha a relação próxima de Jerónimo Osório com os Jesuítas de Santa Bárbara (e, futuramente, com a actividade dos Colégios da Companhia em

³ Inácio de Loyola chegou a Paris em Fevereiro de 1528. Aí permaneceu 7 anos e dois meses, até 25 de Maio de 1535. Matriculou-se como externo no Colégio de Montaigu e ali estudou ano e meio humanidades. No dia 1 de Outubro de 1529, dia de S. Remígio, passou a morar como pensionista e a estudar filosofia (embora tivesse já c. de 38 anos), no Colégio de Santa Bárbara, que tinha como Principal o célebre Diogo de Gouveia. A 13 de Março de 1533 é licenciado e em 1534 recebe o título de mestre em Artes.

⁴ Rodrigues 1931: 205.

⁵ A abrir o Tomo I dos *Opera Omnia* de Jerónimo Osório (Roma, 1592), pp. 1-19 é publicada uma biografia do humanista, escrita pelo sobrinho: *Hieronimi Osorii Lusitani Vita, auctore Hieronymo Osorio nepote*. A referência ao convívio de Dom Jerónimo Osório, quando estudante em Paris, com os primeiros membros da Companhia, especialmente com Pedro Fabro, desde 1534 até cerca de 1537, encontra-se nas pp. 2-3. António Guimarães Pinto publicou uma tradução deste texto nas páginas que antecedem os *Tratados da Nobreza Civil e Cristã* (Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996: 31-79, *maxime* 36). Mas a tradução também se encontra em Pinto 1995: 151-176.

Portugal), o interesse do humanista pelos costumes e propósitos de vida religiosa daqueles companheiros, e ainda a sua amizade pessoal com o grupo, especialmente com Pedro Fabro.

Francisco Rodrigues não ignora o papel que Jerónimo Osório exerceu junto de Dom João III⁶, mas não só lhe não dá relevo algum como também faz das fontes uma leitura desajustada. Atribuindo ao seu nascimento a data errada de 1504⁷, o historiador jesuíta afirma que Jerónimo Osório já se encontrava em Paris havia três anos, quando Inácio de Loyola ali chegou, em Fevereiro de 1528. Na verdade, quando Inácio de Loyola inicia os estudos de Humanidades em Paris, no Colégio de Montaigu, estava Jerónimo Osório a fazer o mesmo, com cerca de 13 anos de idade, não em Paris mas em Salamanca. A esta universidade permaneceu ligado até cerca de 1534, com o maior interesse pela lição dos autores gregos e latinos, mas matriculado em Direito Civil desde os 16 anos, para cumprir a vontade do pai. A determinação de Jerónimo Osório, no entanto, diz o biógrafo seu sobrinho, era ingressar na Ordem Militar de São João do Hospital de Jerusalém e partir para Rodes, que fora capturada pelos turcos em 1522. Com a morte do pai, Jerónimo Osório regressou a Portugal e dir-se-ia livre para abandonar o desígnio do pai e cumprir o seu próprio voto. Não estava porém livre do desígnio da mãe, que tratou firmemente de o dissuadir daquele propósito. Graças aos projectos maternos, parte então Jerónimo Osório para Paris, com cerca de 19 anos, para estudar Lógica e Filosofia natural. O convívio do humanista português com os primeiros jesuítas situa-se, portanto, entre cerca de 1534 e 1537.

Em Paris, em 1534, Inácio de Loyola já tinha reunido aquele núcleo de discípulos espirituais que seriam os primeiros Jesuítas. Nesse mesmo ano, a 15 de Agosto, todos pronunciavam o célebre voto de Montmartre: Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Pedro Fabro, Nicolau de Bobadilha, Diogo Laínez, Afonso Salmeirão e o português Simão Rodrigues, este último bolsheiro de Dom João III no Colégio de Santa Bárbara desde 1527⁸. Jerónimo Osório travou conhecimento com eles e não ficou indiferente aos seus ideais e estilo de vida, como nos informa a sua biografia⁹.

Osório travou com eles grande amizade e os vínculos da maior familiaridade ligavam-no a Pedro Fabro – homem cuja piedade e excelente disposição de ânimo Osório, com grandes louvores, exaltava sobre os demais companheiros de Inácio. Enquanto estes permaneceram em Paris, muito amiúde com eles praticava sobre o regime por que havia de pautar a sua vida, e os mesmos falavam com Osório acerca das regras da sua comunidade: razão pela qual sempre esteve animado de uma enorme benevolência e amor extraordinário em relação ao teor de vida destes homens¹⁰...

6 Rodrigues 1931: 218.

7 A data hoje consensualmente aceite é 1514 e não 1506 (Pinto 1996: 68).

8 Coelho S.J. 2005: 110.

9 Vd. Pinto 1996: 36.

10 O original encontra-se em Osório 1592: 3. *Cum quibus Osorius singularem inuit consuetudinem, et in Petri Fabrii familiaritate maxime uersabatur; cuius uiri pietatem et excellens animi studium, inter omnes Ignatii socios, summis laudibus efferebat: cum quibus, dum Parisiis fuerunt, de uitae suae instituendae ratione saepius conferebat; et illi de Societatis suae institutis cum eo communicabant: quamobrem semper erga horum hominum uiuendi institutionem mirifica beneuolentia et eximio amore flagrauit...*

Embora tenha prosseguido os estudos por algum tempo em Paris, Jerónimo Osório foi forçado a regressar a Portugal e só pôde retomá-los, não já em Paris mas em Bolonha, graças à intervenção do infante Dom Luís, a quem se refere como seu mecenas. Ficou-lhe, porém, a memória grata e a admiração pelo zelo espiritual daqueles companheiros de estudo, que deixara.

Pelo voto de Montmartre, além da promessa de vida apostólica, Inácio e os seus companheiros obrigavam-se a partir para Veneza e Jerusalém e gastar aí a sua vida em proveito das almas. Se não conseguissem licença para ficar em Jerusalém, voltariam para Roma e apresentar-se-iam ao Papa para que os empregasse no que julgasse ser da maior glória a Deus. Mas a *Autobiografia* de Santo Inácio declara também que os companheiros se propunham esperar por um ano a embarcação em Veneza, e se naquele ano a não houvesse para o Levante, ficariam livres do voto de Jerusalém para se oferecerem ao Papa¹¹.

Como todos sabemos, a História não quis que os companheiros partissem para Jerusalém. Depois de cerca de dois anos de espera e preparativos em Veneza, obtidas as licenças pontifícias para peregrinar a Jerusalém, deu-se um acontecimento que determinou para sempre a história da Companhia nascente: Veneza entra em guerra com os Turcos tornando impossível a navegação. Os historiadores da Companhia antigos e modernos (de Ribadeneira a García Villoslada) salientam o insólito deste acontecimento, no qual vêem mais do que o simples acaso a condicionar os passos dos peregrinos para destinos diferentes daqueles que os desejos humanos podiam prever. “E é de notar que nem muitos anos antes, nem depois até [este] ano de 1570, nunca omitiram cada ano as naus de peregrinos a ida a Jerusalém, a não ser naquele ano”, escrevia Ribadeneira, com evidente sentido de pasmo¹². Efectivamente, todos os anos, no mês de Junho, a tradicional *nau peregrina* levantava âncora rumo à Palestina; em 1537, porém, nenhum navio atravessou o Mediterrâneo.

De algum modo, o voto de Montmartre tinha previsto esse cenário. Se não fosse possível ir a Jerusalém, o grupo dirigir-se-ia a Roma. Em 1538, desobrigados do voto de Jerusalém, Inácio e os seus companheiros apresentam-se em Roma, ao serviço do Papa. E o Papa não tardou em enviá-los para as diversas partes de Itália: Sena, Bolonha, Ferrara, Pádua. Em Roma ficaram apenas Inácio, Fabro e Lainez.

2. *Non podia [...] achar homens mais autos pera converter toda a Índia.*

Entretanto, na ponta Ocidental do Mediterrâneo, Portugal abraçava com entusiasmo duas aventuras: a aventura das grandes navegações e da expansão ultramarina, explicitamente inseparável do desígnio missionário; e ainda, no reinado de Dom João III, uma política cultural inovadora que, em 1537, conduziu à reforma do ensino e da própria Universidade. Para a África, o Brasil e o Oriente, Dom João III pedia às ordens religiosas a preparação e o envio de missionários. Enquanto isso, enviava bolseiros a estudar em Paris, a fim de um dia trazer ao reino homens letrados e elevar o nível do ensino em Portugal com as luzes do Humanismo.

É neste contexto que Jerónimo Osório intervém junto de Diogo de Gouveia, tornando-se assim, como observou Sebastião Tavares de Pinho, a primeira causa, embora indirecta, da entrada da Companhia de Jesus em Portugal (2006 II: 266).

11 Coelho 2005: 110.

12 *Vida del P. Ignacio de Loyola* apud García-Villoslada 1991: 420, n. 40.

Num estudo publicado pela primeira vez no ano 2000, Sebastião Tavares de Pinho analisa detalhadamente as relações históricas da família do humanista com os territórios do Oriente: primeiro, a missão do pai, João Osório da Fonseca, que partira para a Índia juntamente com Vasco da Gama em 1524, na qualidade de ouvidor-geral; depois, a missão do irmão, Bernardo da Fonseca Osório, provedor-geral dos Estados da Índia e capitão da fortaleza de Couvão, nas costas do Malabar, por quase cinquenta anos. Jerónimo Osório, o humanista autor da crónica latina sobre a vida e feitos de D. Manuel I, a primeira grande narrativa da época dos Descobrimentos pela qual a Europa conheceu a expansão portuguesa, tinha todas as condições para se tornar um conhecedor profundo do Oriente. A história familiar era a primeira a despertar nele o maior interesse por tudo quanto ali se passava.

E foi assim que, em 1537, teve Jerónimo Osório conhecimento de que 60 000 malabares tinham abraçado a fé cristã. Os autores daqueles baptismos que deram origem à primeira comunidade de cristãos do Cabo de Comorim foram o P. Miguel Vaz, vigário geral da Índia enviado por Dom Francisco de Melo, o primeiro bispo eleito de Goa, e o P. Pedro Gonçalves, vigário de Cochim. A notícia é, aliás, confirmada por João de Barros, que mostrava, por meio deste facto, o papel que a língua portuguesa exercia como instrumento de expansão da fé, sobretudo no Oriente¹³. Mas João de Barros não é a única testemunha da vitalidade da cristandade do Malabar, nascida da acção missionária em língua portuguesa. No final do século XVI, em 1590, o diálogo de Duarte de Sande *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam...* regista também, com admiração, o elevado número de cristãos que havia nas duas margens do Cabo Comorim (Malabar), por ser um número superior ao que cummmente se encontrava em lugares dominados por reis pagãos (2010 vol.1: 80)¹⁴.

Soube desse fenómeno o humanista Jerónimo Osório e, em 1537, encontrando-se provavelmente em Lisboa, escreveu ao seu mestre e reitor de Paris, dando-lhe conta da surpreendente notícia. Ao Doutor Diogo de Gouveia, destinatário da carta, coube então o duplo *munus*: escrever a Simão Rodrigues reenviando-lhe a carta de Jerónimo Osório, e escrever a Dom João III a recomendar vivamente os potenciais missionários.

3. Mandeí a carta a Mestre Simão...

A carta de Diogo de Gouveia a Dom João III, de 17 de Fevereiro de 1537¹⁵, constituiu portanto, para a Corte portuguesa, a primeira notícia acerca da Companhia de Jesus em Paris, das intenções dos companheiros em partirem para Jerusalém a evangelizar os mouros e da presença dos seus fundadores nas cidades de Itália, ao serviço do Papa. O objectivo de Diogo de Gouveia era persuadir o Monarca da

13 Na Dedicatória ao Príncipe Dom Filipe da sua *Gramática da língua portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja*, também conhecida como *Cartinha para aprender a ler* (Lisboa, 1539), assim escreveu João de Barros: “Da qual obra [de evangelização] temos um divino exemplo na conversão de cinquenta e sete mil almas na terra do Malabar, onde S. Tomé com tanto trabalho e martírio passou desta vida à celestial glória” (fl.Aij v°).

14 “É assim que nas duas margens do Cabo Comorim se contam oitenta mil cristãos, o que não é pouco em lugares onde exercem o seu domínio reis pagãos”.

15 Pinho 2006: 268-269 e nota 47. Longo trecho desta carta foi transcrito e comentado por Rodrigues 1926: 267-274; Vd. ainda M. Brandão 1944: 321-322 e Silva [et ali] 1862 vol. IV: 104-105.

oportunidade que aqueles Padres de Paris representavam para a missão da Índia. Padres letrados e ao serviço do Papa eram os mais indicados para dar continuidade à colheita de frutos missionários como os do Malabar.

Assim, apoiando-se nas preocupações literárias e apostólicas de Dom João III, Diogo de Gouveia diz ao Monarca que, pela vastidão das terras descobertas, havia agora maior necessidade de homens de letras, como estes que então lhe recomendava.

Vossa alteza tem mais razam que nenhum outro pola grandíssima terra que tem descuberta e necessidade que os taes tem de letrados: e principalmente com as grandes nouas que Mestre Hieronimo do Soiro me escreueo de como os malabares recebiam a fé que um uigairo que la mandou Francisco de Mello, homem de boa uida e bacharel em canones começara la de pregar e que eram conuertidos bem 60 000 digo Lx louvores a nosso Senhor que nos trouxe a tal tempo eu mandei a carta a Mestre Simão Roiz que partiu daqui com 6 outros para irem a Jerusalem elle e seus companheiros fazem grandíssimo fruto em Italia...

As palavras de Diogo de Gouveia permitem fazer duas afirmações: aos biógrafos de Jerónimo Osório, a carta informa que, em 1537, o humanista já tinha alcançado o grau de Mestre: *Mestre Hieronimo do Soiro...*; à história da Companhia de Jesus em Portugal, a carta prova que a intervenção do humanista fez parte efectiva das diligências que desviaram a trajectória dos primeiros jesuítas para os trazerem a Portugal, à Índia, ao Japão, à China e ao Brasil.

Na verdade, Jerónimo Osório conhecia não só a realidade da Índia como os propósitos missionários dos primeiros companheiros de Santa Bárbara, que Jerónimo Osório partilhara na sua juventude: se os Jesuítas tinham feito o voto de ir para Jerusalém evangelizar os mouros, ele mesmo, segundo o sobrinho seu biógrafo, fizera, um dia, o voto de entrar numa ordem militar e ir para Rodes, que caíra no domínio dos mouros.

Até agora ainda não foi possível localizar a carta do humanista, para conhecer o seu conteúdo em toda a sua extensão e avaliar até que ponto a intervenção de Jerónimo Osório junto do reitor de Santa Bárbara apontaria já para a vinda dos religiosos, admirados quer por Diogo de Gouveia quer por Jerónimo Osório. Diogo de Gouveia não revela que seja esse o sentido da carta de Mestre Jerónimo Osório, mas sabemos que a carta foi enviada a Simão Rodrigues, como meio de persuasão.

4. Eles sam todos sacerdotes e de muito exempro e letrados e non demandam nada

A carta de Jerónimo Osório levou, pelo menos, Diogo de Gouveia a informar Dom João III de que aqueles seriam os missionários mais indicados para as terras da Índia, segundo os desejos do Monarca: eram todos *sacerdotes*, homens *cultos* e de vida exemplar, e nada pediam em troca, movidos pelo simples desejo de evangelizar. Mais ainda: se os companheiros tinham deixado Paris para evangelizarem os mouros na Palestina e a guerra os impedia de viajar, então aquele era o momento mais oportuno para chamar os padres ao seu serviço.

Se estes homens se podessem haver para irem a Índia seria hum bem inextimável... Sam homens próprios pera esta obra e, se V. A. deseja de fazer o que sempre mostrou, crea que non podia nem a pedir de boca achar homens mais autos pera converter toda a Índia. Eles sam todos sacerdotes e de muito exempro e letrados e non demandam nada. Por amor de nosso Senhor que escreva ao cônsul da nossa nação que esta em Veneza e a quem por V.A. faz os negócios em Roma que lhe falle porque vendo eles carta de V. A. tanto mais se moveram. Escrevendo ao mestre Simão Roiz e ò mestre p^o. Fabro e ao Inigo abastará, porque estes três moveram os outros.

Diogo de Gouveia recomenda portanto a maior urgência nas diligências diplomáticas, pois receia que, assim que haja nau, o destino dos Padres se volte outra vez para a Palestina.

Isto non é cousa para se poer em trespasso porque se eles podem este ano passar parece-me que o faram. Eu lhes escreui já e antre as outras cousas lhe dizia como a língua na Índia era muito mais fácil daprender e os corações mãs benignos e non tam emperrados como os dos mouros. Non quero disto mais dizer a V. A. por conhecer o desejo que disto tem que é muito maior do que eu saberei pintar nem persuadir...¹⁶

5. Resposta de Pedro Fabro

As diligências de Diogo de Gouveia não terminaram aqui. Além de ter encaminhado a carta do humanista a Simão Rodrigues, escreveu, no início de 1538, outra carta a Pedro Fabro, o qual lhe respondeu, em Novembro, em nome de todos os companheiros, declarando a inteira disposição do grupo para se dedicar à causa missionária, na Índia ou em qualquer outra parte do mundo (Rodrigues 1931:221). Deviam porém total obediência ao Papa e só a ele caberia decidir o que fazer. Daí a necessidade da intervenção de Dom João III¹⁷.

O monarca não foi tão rápido nas diligências quanto Diogo de Gouveia aconselhara, mas as condições em Veneza e o impedimento das naus para a Terra Santa continuavam de feição. Em 4 de Agosto de 1539, D. João III escreve ao seu embaixador a carta que lemos em epígrafe, pedindo-lhe que procurasse saber quem eram aqueles homens e que os fizesse “vir por terra ou por mar e que lhes desse todo o aviamento e toda a maneira de seu gasto pera o caminho em toda a sua abastança”¹⁸: “E sendo necessário licença do Santo Padre ou mandado pera isso, vós lhe supricai de minha parte para que lha queira dar”.

O embaixador de Dom João III, D. Pedro de Mascarenhas, não teve dificuldade em dar as informações pedidas, nem em obter a autorização do Papa para a vinda dos jesuítas. Em 10 de Março de 1540, comunica ao rei o resultado das suas diligências; e cinco dias depois já estava a caminho de Portugal, ele e os dois jesuítas designados, um por mar e outro por terra, na companhia do próprio diplomata.

¹⁶ Rodrigues 1926: 271-272 e Pinho 2006: 269-270.

¹⁷ Antes da eleição de Inácio de Loyola como Prepósito Geral da Companhia, Pedro Fabro é considerado o *principal* dentro do grupo dos primeiros companheiros. Assim o trata Diogo de Gouveia, mas também o próprio Jerónimo Osório, como relata o biógrafo seu sobrinho (Osório 1592: 3 e Pinto 1996: 36).

¹⁸ Pinho 2006: 271.

No que toca aos nomes dos dois jesuítas escolhidos, mais uma vez o curso da história passava por cima dos planos humanos. A escolha inicial recaiu sobre Simão Rodrigues e Nicolau de Bobadilha, mas este adoeceu e foi substituído por Francisco Xavier que, no espaço de um único dia deixou tudo e partiu com o embaixador. Num instante se decidia assim o destino dessa figura ímpar do século XVI, que ficou conhecida como Apóstolo das Índias.

Em Lisboa, os dois Jesuítas reuniram-se em Junho de 1540¹⁹ e logo foram recebidos no palácio dos Estaus pelo Monarca. Francisco Xavier deixou, na sua correspondência, memória abundante desse período em Lisboa, anterior à sua partida para a Índia. Impressionava-o a benignidade do rei para com os hóspedes, disposto que estava a chamar ao reino todos os da Companhia, ainda que lhe custasse parte da sua fazenda, como ele declarara a Pedro de Mascarenhas²⁰.

Entretanto crescia na corte e na cidade a afeição pelos *Apóstolos*,²¹ mas em consequência multiplicavam-se os obstáculos para a sua partida. Parecia a todos, e aos reis em particular, que os religiosos seriam mais úteis no reino do que além-mar. Em vão protestava Xavier que não era essa a autorização do papa. Em Outubro de 1540, Dom João III já estava determinado a não deixar partir os dois jesuítas, pois tinha outros planos para eles: fundar um colégio em Coimbra, junto da Universidade, onde os Padres pudessem formar os seus e dali aumentar a Companhia e enviar jesuítas para o mundo²².

A ideia não desmereceu a atenção de Xavier, que se interessou pelo assunto. Ignaro das eventuais consequências daquela fundação, a 22 de Outubro de 1540 escreve uma carta a Inácio pedindo-lhe que o esclareça sobre o modo de erigir “alguma casa de estudantes na Universidade de Coimbra (...) porque em Portugal temos muito favor e autoridade para obras pias”²³. A pergunta revela que não havia ainda na Companhia propósitos, explícitos nem implícitos, de dedicação à actividade docente ou à criação de colégios. Assim, sucedia mais uma vez que, quando as decisões acerca do destino da Companhia pareciam resultar do acaso ou do arbítrio pessoal, acabavam por se tornar em momentos chave do rumo da história, com consequências através de séculos.

Inconformados, porém, com os entraves que os afastavam da Índia, os jesuítas logo escreveram a Santo Inácio, e este consultou o Papa, mas a resposta de Paulo III remetia a decisão para o inteiro arbítrio do Monarca português. Inácio de Loyola é que não deixou de dar o seu parecer, e este conduziu por fim à decisão prudente e acertada de D. João III: mandar Xavier para a Índia, de acordo com a intenção inicial, e deixar Simão Rodrigues em Portugal, não só “para recolher a farta messe que prometia a boa disposição do reino”, escreve Rodrigues (1931: 261), mas também para consolidar e aumentar a Companhia em Portugal, fundando o Colégio de Coimbra que prepararia mais missionários para além mar.

19 Francisco Xavier chegou a Lisboa no final de Junho de 1540, depois de mais de três meses de viagem por terra. Simão Rodrigues, que viajou por mar, chegara em 17 de Abril. O rei deu ordem aos seus ministros que lhe dessem morada no Hospital de Todos os Santos e dias depois cedeu-lhes as casas que estavam destinadas para aposentos reais no Rossio.

20 Rodrigues 1931: 243.

21 Nome por que foram conhecidos durante cerca de dois séculos em Portugal (Rodrigues 1931:245).

22 Rodrigues 1931: 259.

23 Rodrigues 1931: 302.

Conclusão

... e [Jerónimo Osório] persuadia o rei a chamar a Portugal alguns daqueles homens.

Estas são, em resumo, as razões pelas quais Xavier esperou até 14 de Fevereiro de 1542 a autorização para partir para a Índia, ao passo que Simão Rodrigues nem sequer chegou a partir. Involuntariamente, tornou-se fundador da província portuguesa e do colégio de Coimbra²⁴. A um e outro se aplicava em perfeição o verso de Antonio Machado: *caminante, no hay camino, / se hace camino al andar...*

Nos primeiros anos da Companhia, a acção de Dom João III e do seu embaixador junto da Santa Sé, Dom Pedro de Mascarenhas, incidiu decisivamente sobre a orientação da Companhia de Jesus e sobre o destino incerto dos primeiros membros, acabando por dar à História um rumo inesperado. Determinado como estava a enviar missionários para as terras descobertas, Dom João III teve um papel fundamental na primeira actividade, quer missionária quer docente, da Companhia de Jesus. Mas o Monarca nada poderia fazer se uma multiplicidade de factores se não tivesse conjugado. Entre esses, a acção de Jerónimo Osório, nomeadamente, a carta em que chamava a atenção do Reino para a situação nos territórios da Índia.

De resto, a ligação entre Osório e a Companhia de Jesus foi permanente, como atestam algumas cartas dos colégios, que registam, com orgulho, a presença do *Cicero lusitanus* nos prémios literários, em Lisboa, em 1557, ou em representações teatrais como a de Évora, em 1560²⁵.

Por isso, o biógrafo do humanista pôde escrever que “perguntando-lhe El Rei D. João III muitas coisas sobre esta Ordem ele não lhe regateou gabos (...) e persuadia o rei a chamar a Portugal alguns homens seguidores daquela regra de vida”²⁶. Francisco Rodrigues não conheceu esta fonte e é por isso que parece negar a evidência, afirmando que Jerónimo Osório “não foi parte para a Companhia ser admitida no reino” nem “influiu no ânimo de Dom João III para o chamamento dos Padres a Portugal”²⁷. Na verdade, não faltam testemunhos a apontarem precisamente o contrário.

Assim, podemos afirmar que, se a criação da primeira missão dos jesuítas na Índia se deve à política ultramarina de Dom João III, o grande favor que Simão Rodrigues e Francisco Xavier encontraram junto da corte e da população portuguesa, e a persistência do Monarca junto do Papa e de Inácio de Loyola fizeram dele também o primeiro rei fundador de um colégio para jesuítas. O colégio abriu em 1542, mas o plano era de 1540.

24 O primeiro jesuíta a ser enviado para Coimbra, para preparar o Colégio, foi Manuel Godinho, nos primeiros meses de 1542. Mas quando Simão Rodrigues e os seus companheiros se instalaram em Santo Antão “a primeira casa que em todo o mundo teve como própria a Companhia de Jesus” (Rodrigues 1931: 288), já se encontravam entre eles mais três membros enviados de Paris por Santo Inácio e destinados à fundação do primeiro colégio, em Coimbra: Diogo Mirão, Poncio Cogordan e Francisco Rojas, que chegaram a Lisboa em 3 de Outubro de 1541 (Rodrigues 1931: 290-291).

25 Vd. respectivamente *Litterae Quadrimestres* V: 14-19 (Carta de Diogo de Barros, de Lisboa, 17 de Junho de 1557) e *Litterae Quadrimestres* VI: 591 (Carta de Bras Gomes, de Évora, 30 de Abril de 1560). *Litt Quad.* V: 228 designa-o como *Cicero Lusitanus*.

26 Pinto 1996: 36. Osório 1592: 3: *adeo ut aliquot post anos cum eum Ioannes hoc nomine Tertius Rex Portugaliae multa de ea percunctaretur, multis eam ille laudibus ornaret, et pro uiribus Regi persuaderet, ut aliquos uiros in Portugaliã adducendos curaret, qui illam uiuendi rationem sectarentur.*

27 Rodrigues 1931: 205.

Diogo de Gouveia era o ‘avançado’ de Dom João III em Paris para trazer as luzes do Humanismo para Portugal. Foi ele que, em 1537, deu à corte a primeira notícia da existência dos Jesuítas. Mas fê-lo motivado por Dom Jerónimo Osório, que conhecia tão bem como ele “os padres letrados de Paris”. Conhecia igualmente a política ultramarina de Dom João III, e viu nessa coincidência uma oportunidade para ambos.

Bibliografia

Barros, João de (1539). *Gramática da língua portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja*. Lisboa.

Brandão, M. (1944). *O processo de Inquisição de João da Costa*. Coimbra.

Coelho S.J., António José (2005). *Autobiografia de Santo Inácio. Tradução, introdução e notas*. Braga: Editorial AO.

García-Villoslada S.J. (1991). *Santo Inácio de Loyola. Nova Biografia*. São Paulo: Ed. Loyola.

Litterae Quadrimestres = MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESV, *Litterae Quadrimestres*, vol.V, Madrid, 1921 e vol. VI. Madrid, 1925.

Osório, Jerónimo (1592). “Hieronymi Osorii Lusitani Vita, auctore Hieronymo Osorio nepote” in *Hieronymi Osorii Lusitani Episcopi Algarbiensis Opera Omnia (...) ad Philippum I. Portugaliae Regem Inuictissimum*. Vol. 1, Roma, 1-19.

Pinho, Sebastião Tavares de (2000). “Francisco Xavier em Lisboa a caminho do Oriente (1540-1541): com referência a Diogo de Gouveia, Jerónimo Osório e Lopo Serrão”. *Humanitas* 52: 297-309.

Pinho, Sebastião Tavares de (2006). *Humanismo em Portugal. Estudos. Vol. I e II*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pinto, António Guimarães (1995). *Dom Jerónimo Osório: Cartas. Tradução, compilação e notas*. Loulé: Câmara Municipal de Silves.

Pinto, António Guimarães (1996). *Dom Jerónimo Osório: Tratados da Nobreza Civil e Cristã. Tradução, introdução e anotação*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Rodrigues S. J., Francisco (1931). *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, *A Fundação da Província Portuguesa 1540-1560*. Vol. 1 *Origens, Formação, Ministérios*. Porto.

Rodrigues, Francisco (1926). “O Dr. Gouveia e a entrada dos Jesuítas em Portugal”, *Brotéria* 2: 267-274.

Sande S.I., Duarte de (2010). *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, Tomo I e II, Prefácio, tradução e comentário de Américo Costa Ramalho. Estabelecimento do texto latino Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Silva, Luís Augusto Rebelo da [et ali] (1862). *Corpo diplomatico portuguez: contendo os actos e relações políticas e diplomáticas de Portugal com diversas potencias do mundo desde o século XVI até os nossos dias*. vol IV. Lisboa: Academia Real das Sciencias.